

CONFISSÕES DE UM HEREGE

ADAM NERGAŁ DARSKI

COM MARK EGLINTON
E KRZYSZTOF AZAREWICZ & PIOTR WELTROWSKI

Tradução do Inglês
Machado dos Santos e Sofia Paulino



Título: *Confessions of a Heretic*

Autor: Adam Nergal Darski com Mark Eglinton, Krzysztof Azarewicz e Piotr Weltrowski

Originalmente publicado como *Spowiedz Heretyka* por Gruner & Jahr
Adaptado da edição Inglesa de 2015 publicada por Jawbone Press

Copyright da edição portuguesa © 2016 Publicações A Ferro e Aço.
Copyright do texto © Adam Nergal Darski. Todos os direitos reservados.

DESIGN Maciej Szymanowicz

ADAPTAÇÃO DA CAPA Gabinete editorial Publicações A Ferro e Aço

PRÉ IMPRESSÃO Gabinete editorial Publicações A Ferro e Aço

TRADUÇÃO E REVISÃO Machado dos Santos e Sofia Paulino

IMPRESSÃO Caflesa, Lda

ISBN 978-989-20-7384-2

1ª edição: Abril de 2017

Depósito legal nº 425357/17

Publicações A Ferro e Aço é uma chancela pertencente ao Grupo Narrativa.

INCastro - Centro de Ideias e Negócios

R. Manuel Assunção Mestre, 22 | Sala 17

7780-199 Castro Verde

Tlf. 286249033 / Tlm. 965988157

editorial@gruponarrativa.pt

[facebook.com/Publicações A Ferro e Aço Música](https://facebook.com/Publicações%20A%20Ferro%20e%20Aço%20Música)

www.gruponarrativa.pt

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
SOBRE A EDIÇÃO INGLÊSA	8
PREFÁCIO	9
<hr/>	
<u>CAPÍTULO I</u>	
EU SOU O TEU DESTINO, QUE TE DEU À LUZ DA TERRA DOS ARRANHA-CÉUS	14
<hr/>	
<u>CAPÍTULO II</u>	
NÃO HÁ FUMO SEM FOGO	33
<hr/>	
<u>CAPÍTULO III</u>	
ÁRVORE DA VIDA	54
<hr/>	
<u>CAPÍTULO IV</u>	
E ENTÃO O SENHOR COLOCOU OS CORDEIROS À SUA DIREITA E AS CABRAS À SUA ESQUERDA	70
<hr/>	
<u>CAPÍTULO V</u>	
UMA RENA, DUAS CORUJAS E UM HOMEM MORTO	91
<hr/>	
<u>CAPÍTULO VI</u>	
UM SONHO SOBRE VARSÓVIA	111
<hr/>	
<u>CAPÍTULO VII</u>	
ESTE É O MEU CORPO E ESTA É A MINHA MEDULA ÓSSEA	126
<hr/>	
<u>CAPÍTULO VIII</u>	
A GUERRA FRIA	153
<hr/>	
<u>CAPÍTULO IX</u>	
A VISÃO E A VOZ	168
<hr/>	
<u>CAPÍTULO X</u>	
ARMAS DE DESTRUIÇÃO MACIÇA	197
<hr/>	
<u>CAPÍTULO XI</u>	
O NOSSO PARAÍSO TERRESTRE	212
<hr/>	
<u>CAPÍTULO XII</u>	
FORA DAS TERRAS DO EGÍPTO, FORA DA CASA DA ESCRAVATURA	231
<hr/>	
<u>CAPÍTULO XIII</u>	
O QUE VIVE NÃO IRÁ MORRER	244

I

EU SOU O TEU DESTINO,
QUE TE DEU À LUZ
DA TERRA DOS
ARRANHA-CÉUS



Quando foi a última vez que foste à confissão?

Não sei. Não me lembro. Foi há décadas.

Contudo, todas as crianças Polacas vão à confissão.

Devia ter cerca de catorze anos. Estava a preparar-me para a comunhão e para o crisma mas nunca os recebi. Ordenei que fosse retirado daquele circo. A religião em si começava a desinteressar-me. Aquilo cheirava mal de alguma forma. Apercebi-me do cheiro ainda antes disso, quando me sentia católico e pensava que acreditava. Existiu uma altura dessas na minha vida. A sério. Mas foi uma fé momentânea. Não havia nada de profundo naquilo. Eu era uma criança, por isso estava mais interessado em divertir-me do que na igreja.

Tenta lembrar-te. Talvez te consigas lembrar do momento em que confessaste os teus pecados pela última vez?

Não. Lembro-me apenas dos sentimentos que me acompanhavam até o confessionário, não do acto em si. Ficas ali, à espera na fila, e tudo à tua volta é triste e frio. Odiava aquilo e ainda odeio. As igrejas podem ser bonitas, mas são sempre tristes e frias.

Adam Darski fugiu do crisma e o céu não derramou uma só lágrima...

A única coisa especial acerca do meu nascimento foi o local. Embora a minha família vivesse em Gdansk, eu nasci num hospital em Gdynia, por isso, tecnicamente, sou um “arenque” (o brasão da cidade inclui um arenque). À parte esse facto, foi tudo bastante normal. Os três reis não estavam lá; não havia nenhuma estrela a brilhar. Apenas outro nascimento vulgar. A minha infância também foi assim. Éramos apenas uma típica família Polaca.

Contudo, Adam é um nome bíblico tão simpático.

Sim, é porreiro.

As tradições eram importantes na tua casa?

Apenas como decoração. Havia um crucifixo na parede, e deixávamos o padre ir lá a casa, mas eu sentia que tudo isso eram apenas ornamentos. Havia uma discórdia óbvia entre as coisas penduradas na parede e o que

na verdade praticávamos. O meu pai estava no PPTU (Partido Polaco dos Trabalhadores Unidos). Eu sabia que ele andava nas encruzilhadas, e que tentou encontrar um compromisso entre a sua visão do mundo e estas tradições. Participava em todas as celebrações, mas nunca se ajoelhava – ficava sempre de lado. Mantinha as aparências e manobrava por ali...

Então e a tua mãe?

Ela atribuía mais peso à religião, mas penso que a sua fé não era muito profunda. Ela poderia zangar-se comigo por o dizer, mas era assim que eu via. Mas houve uma altura na vida dela em que procurou genuinamente a ajuda de Deus.

Eu tinha oito anos e o meu irmão, Pawel, tinha dezasseis quando trouxe para casa uma granada que não havia explodido. Não havia computadores nessa altura e havia apenas dois canais disponíveis na TV, por isso os miúdos tinham de encontrar divertimento de formas diferentes. O meu irmão sempre se interessou por material militar mais antigo. Não foi difícil de encontrar, afinal de contas. Tudo o que tinhas de fazer era ir até à floresta.

O Pawel começou a remexer com uma peça que tinha encontrado, aquilo explodiu, e ele perdeu a vista por algum tempo. Ficou internado durante alguns meses. Os médicos não sabiam se ele ia voltar a ver. Foi *aí* que a minha mãe Irena começou a rezar. Ia à igreja, procurava ajuda no crucifixo. Mas quando o meu irmão ficou melhor, abandonou aquilo. Felizmente para ela e para mim que não se tornou numa fanática.

A diferença de idades entre ti e o Pawel é significativa

– oito anos. Como era a vossa relação?

Partilhávamos a mesma mãe, mas – meio a sério – não tenho a certeza acerca do nosso pai. Éramos o oposto um do outro. Diferíamos em tudo, a começar pelas nossas personalidades e acabando em como vivíamos as nossas vidas, de uma forma geral. Eu era bom aluno; nunca causei grandes problemas nem em casa nem na escola.

O meu irmão era um autêntico *hooligan*. Causou inúmeros problemas e mal terminou o ensino primário. Ele não queria dar continuidade à sua educação. Entrou numa escola profissional e depois disso arranjou um emprego. As suas ambições desviavam-se radicalmente da educação. Interessava-se particularmente por festas, miúdas e pelo ginásio. Até montou um ginásio no sótão.

Um dia encontrei um par de seringas e uns frasquinhos estranhos no armário. Claro que não fazia ideia do que eram. Apenas mais tarde – quando o Pawel ganhou uma musculatura impressionante num curto período de tempo – é que liguei as coisas. Não que isso me incomodasse. Dormíamos no mesmo quarto, mas vivíamos *além* um do outro, não um com o outro – há uma diferença. Mas dito isto, foi largamente graças a ele que descobri a música, por isso podemos dizer que ele mudou a minha vida...

Ias à missa na Páscoa?

Nunca! Mesmo quando me considerava um católico – odiava as igrejas. Era a forma como o meu instinto funcionava. Comecei a mentir aos meus pais. Em criança, tinha de dizer à minha mãe que tinha ido à missa. Todos os domingos, o meu irmão escapulia-se, claro; o meu pai ia ganhar o seu quinhão e eu ficava com a minha mãe. A missa de domingo tinha lugar às onze horas, e essa era a hora que saía de casa.

A tua mãe ficava à porta à espera que regressasses para te perguntar como tinha sido a missa?

Não, ela nunca desempenhou o papel da Gestapo. Mas sim, alguns dos meus amigos tinham de aguardar que os outros chegassem da igreja para lhes perguntar sobre a missa. Não me preocupava. Não era obrigado a fazer nada; era mais um tipo de pressão silenciosa.

Nem me lembro como terminavam as minhas incursões de domingo. Houve um dia que não fui simplesmente à igreja e foi isso. Passava-se sem incidentes. Não havia castigo – ninguém me retirou a mesada.

Como é que os teus pais ganhavam a vida?

O meu pai trabalhava nos Estaleiros Lenine como técnico de construção de navios. Passava a maior parte do dia no escritório. Levou-me lá algumas vezes, mas aquilo era um pouco aborrecido para mim. Por outro lado, a minha mãe trabalhou toda a vida na Bimet, uma fábrica de rolagens. Também trabalhava num escritório. Quando era jovem queria ter sido enfermeira, mas certa vez, durante as aulas, assim que viu sangue quase que desmaiou e mudou de ideias. Sempre tive o que vestir e o que comer. Não éramos ricos, mas também não passámos dificuldades, e mesmo que tivéssemos passado, os meus pais fariam o que pudessem para que eu não notasse.

Os teus pais mimavam-te?

Ainda hoje me sinto estúpido por causa de um incidente em particular. Nos anos Oitenta, as lojas estavam praticamente privadas de *stock*. Mas havia mercados onde se podiam obter todo o género de coisas interessantes. Havia um desses mercados no bairro de Wrzeszcz em Gdansk. Eu gostava de lá ir, primeiro com os meus pais e mais tarde com os meus amigos. Uma vez vi um computador – um ZX81, provavelmente a máquina mais primitiva do seu género. Parecia uma calculadora gigante, mas dava para jogar. Era um precursor do ZX Spectrum, do Atari e do Commodore.

Oh, ter uma máquina daquelas era o sonho de qualquer criança. Eu não queria saber de quanto custava; eu só queria ter uma. De princípio os meus pais recusaram porque era muito cara. Mas podiam ver o brilho nos meus olhos, então chamaram o vendedor lá a casa; ele explicou-me como é que o computador funcionava e fizemos negócio.

Nunca mais o liguei depois disso. Ficou ali, a apanhar pó. Eram tempos difíceis, e o dinheiro podia ter sido usado de uma forma melhor. Era assim que os meus pais eram, e ainda são. Atendiam a todos os meus pedidos. Faltava-lhes carácter...

E a ti, faltava-te disciplina?

Há sempre os dois lados da moeda.

Vá lá – responde à pergunta.

Estou verdadeiramente agradecido aos meus pais pela forma como me educaram. Mas mesmo em criança eu podia tomar as minhas próprias decisões. Aprendi a ter responsabilidade e autoconfiança. Não tinha de ter lições de piano e aulas de ballet. Estudei línguas porque era o que queria, não porque alguém me obrigou. Podia ir praticar artes marciais, tocar guitarra; ninguém me privava de nada – muito pelo contrário, os meus pais facilitavam-me as coisas.

Levavas tareias?

Não, mas o meu irmão levava. Levava com frequência. Graças aos seus excessos, fui protegido. Os meus pais sabiam que ser duros comigo não funcionava. Eles tinham métodos mais educacionais comigo.

Então nunca levaste uma tareia?

Talvez cerca de duas vezes em toda a vida.

Mereceste-as?

Uma delas mereci, sem dúvida. Tinha seis anos e estávamos no campo a passar as férias. A nossa casa ficava numa colina, e havia uma estrada íngreme que culminava numa ponte pedonal que passava sobre um rio. Numa das encostas da colina havia um tractor. Subi para o lugar do condutor; pressionei a alavanca e a máquina depressa começou a avançar na direcção na água. Tentei conduzir, mas o motor não estava ligado. Não havia hipótese de uma criança tão pequena conseguir controlar um veículo tão grande. Por sorte, o meu tio não estava muito longe, juntamente com o meu pai, e eles pararam a máquina a uns metros do rio. Por isso, levei uma grande tarefa. Fiquei dois dias sem sair da cama, e doeu bastante.

Tens algum ressentimento contra o teu pai por causa disso?

Não, eu mereci-as. Havia sempre crianças a brincar nessa estrada. Foi puro acaso não haver ninguém nesse dia quando subi para o tractor. Ainda hoje tenho arrepios só de pensar nisso. Fazemos coisas muito estúpidas quando somos novos.

Assim sendo, não foste para tractorista!**E quanto às artes marciais?**

O meu pai levou-me a uma aula de judo. Eu estava mesmo com vontade daquilo. As artes marciais tornaram-se parte da minha vida, quase tão importante como a música. Tinha apenas outra paixão: desenhar. Passava horas a encher cadernos inteiros com desenhos – criei mesmo a minha própria banda-desenhada. Na sua maior parte eram cenas de batalha. Todos os miúdos gostam de guerra.

Brincavas com soldados de plástico?

O meu vizinho do sétimo andar, o Piotrek, costumava ir lá a casa. Emprendíamos batalhas a atirar berlindes ao exército inimigo. Ele era mesmo bom naquilo! Muito melhor que eu – por isso, geralmente perdia. Ficava furioso.

Batias o pé e atiravas os soldados para o chão?

Não, mas as vitórias do meu amigo eram extremamente frustrantes. Nunca soube perder – não podia ficar em segundo lugar para ninguém.

As outras crianças jogavam futebol. Como eu sabia que não me equiparava aos melhores, deixava que os outros jogassem. Era muito melhor no judo; era um aluno muito meticoloso, não perdia um treino. E também havia um prêmio para conquistar: os melhores competidores ganhavam um bilhete para a piscina. Aquilo era divertimento exclusivo. Hoje, basta apareceres, comprares o bilhete para a temporada e vais quando te apetecer. Naquela altura havia apenas um par de piscinas no distrito de Tricity, e não era fácil entrar. Eu estava lá todos os sábados.

Interessavas-te por raparigas nessa altura?

Descobri o sexo oposto tão cedo como no infantário. Frequentei três desses... Não fui expulso de nenhum deles, mas a experiência que tive no primeiro foi traumática. Eu era muito apegado aos meus pais; simplesmente não percebia porque é que a minha mãe tinha de me deixar num sítio que eu não conhecia. Eu ficava à janela com as lágrimas a correrem-me dos olhos enquanto observava os meus pais a afastarem-se. Depois dirigia-me à casa de banho, fechava a porta e continuava a chorar.

As outras crianças não reagiam assim, mas eu odiava aquilo. A pior coisa acerca daquilo era a suposta “costeleta de porco”. Digo “suposta” porque não tinha nada a ver com uma costeleta de porco. Alguns ligamentos, cartilagens e tendões conectados a pequenos bocados de carne que apenas se mantinham inteiros devido a uma camada horrível que os unia. Essa era a costeleta de porco do infantário. Era impossível comer aquilo. O problema é que não nos deixavam levantar da mesa se houvesse comida no prato.

Cerraste os punhos e comeste?

Tentei. Houve uma vez que não consegui. Penso que esse foi o meu maior trauma de infância. Enquanto mastigava aquele maldito pedaço de porco, tentava de todos os ângulos possíveis manter pedaços de carne nas minhas bochechas como um hamster. Ao mesmo tempo, senti que as minhas entranhas tinham algo importante a anunciar, mas não podia deixar a mesa para ir à casa de banho porque o meu prato ainda estava cheio. Lutei bravamente contra a natureza durante uns momentos.

Continuei agitado e a iludir-me a mim próprio quando me convenci que alguém iria finalmente permitir-me a ir à casa de banho, mas nada aconteceu. Quando o momento crítico chegou finalmente, levantei-me

num pulo e corri para a sanita. Pude ouvir alguém gritar por detrás de mim, mas ignorei completamente.

Há mais uma coisa que tens de saber: nesse mesmo jardim-de-infância havia uma miúda de outra turma, uma loirinha chamada Bozenka. Todos os rapazes eram doidos por ela – e eu também. Era puramente platónico, claro; não tivemos qualquer contacto. Era uma menina muito gentil: calma, sossegada e bonita. Mesmo perfeita. Adorava olhar para ela, mas foi tudo o que fiz.

Qual foi o papel dela na história da costeleta de porco?

Corri pelo refeitório fora. Dirigi-me à sanita em alta velocidade, mas já era tarde demais. Nem consegui fechar a porta e baixar as calças. Estava ali tudo. Então lá estava eu, coberto de merda, a tentar limpar tudo com papel higiénico, quando a porta se abre e aparece a Bozenka. Ela olhou para mim; eu olhei para ela. A minha merda estava por todo o lado.

Lancei-lhe um sorriso tímido, abri a boca e pedi-lhe para não contar o que tinha visto. É claro que a primeira coisa que ela fez foi chamar a minha professora. Tudo acabou com uma boa dose de embaraço e um banho na piscina insuflável. A minha professora segurou-me na mão como num trapo, enquanto me lavava com uma mangueira. Ganhei uma reprimenda e mais horas de sesta. Bem, isso e a sensação que o meu amor não correspondido me denunciou e que foi contar que me caguei nas calças.

Foi essa a tua primeira experiência rapaz/rapariga?

Não. A primeira foi muito mais agradável. Fiz algo errado – não me lembro como foi, mas fui castigado. Isso significava mais tempo deitado à hora da folga, claro. Tinha de usar o pijama na “cama do castigo” no meio da sala. Cumprí o meu tempo, então a minha professora veio ter comigo e disse-me que podia levantar-me. Mas senti indistintamente que algo mais se tinha “levantado”. Foi a primeira erecção de que me lembro.

Tiveste alguma verdadeira namorada no jardim-de-infância?

Até tive o meu primeiro “broche”! Lembro-me como se fosse hoje. O nome dela era Magda, e não fazia nada o meu género. Tinha um nariz adunco e cabelo que ficava todo em pé, como uma galinha ou algo do

género. Mas durante a hora da folga ela estava deitada ao meu lado. Começámos a sussurrar. De repente ela fez-me uma oferta que eu não podia recusar. Ela queria lambe-me lá em baixo se eu a lambesse também. Fiquei curioso, e disse, “pode ser”. Quando ela entrou para dentro dos lençóis eu não senti o fogo... Apenas encolhi os ombros.

E então a tua parte do acordo?

Voltei atrás. Pus a cabeça dentro do cobertor, mas a meio caminho decidi que realmente não queria fazer aquilo. Saí de dentro dos lençóis e anunciei com toda a seriedade que não conseguia lá chegar. Voltei-me para o outro lado e adormeci.

Quebraste o coração da pobre rapariga. Quando é que descobriste para que servia aquela coisa ali pendurada?

É difícil dizer. Muito cedo, suponho. Recebi a minha educação sexual aos oito anos. O meu guia era o Cezar, o amigo do meu irmão. Ele gostava de festas; era um tipo duro, mas tratou-me sempre muito bem.

O meu irmão deu uma festa. Os meus pais estavam em casa e eu era suposto de fazer silêncio e ficar no meu quarto. Então lá estava eu, deitado a ler no quarto, enquanto o outro quarto recebia uma festa daquelas: cigarros, álcool, música alta. De repente, o Cezar, pedrado como tudo, veio ao meu quarto; sentou-se na minha cama e começou com o monólogo do bêbedo. Passado um bocado, deu-me uma cassete VHS e disse-me que ia emprestar-ma; que não precisava de a devolver logo, mas que tinha de a ver sozinho em casa. Comecei logo no dia seguinte.

Não eram desenhos animados da Disney?

Também havia desenhos animados, mas não eram exactamente adequados para crianças. Eram três horas de pornografia *hardcore*. Só devolvi a cassete passados uns *meses* – aquilo era mesmo inspirador. Se não fosse pelo Cezar teria esperado mais alguns anos até ver filmes daqueles.

Voltando ao jardim-de-infância. Eras um menino mau?

Era um rebelde. Elaborava todo o género de planos e depois fazia com que eles acontecessem. Certa vez até consegui fugir. A razão foi muito vulgar. Não conseguia perceber porque é que tinha de estar num local estranho quando a minha casa estava vazia. Então idealizei um plano.

Nada de complicado; decidi que quando fôssemos brincar lá para fora, que iria dirigir-me até ao portão, evitar todos os obstáculos, e que de qualquer forma havia de o conseguir. E foi o que fiz, mas a Sra. Jadzia perseguiu-me. Ela não era muito rápida e a corrida dela era muito atrapalhada, por isso cheguei ao portão primeiro que ela sem problemas.

Então essa foi a tua primeira gazeta?

O meu irmão é que fazia gazeta. Encontrei-o enquanto corria para casa. Ele viu-me e ficou mesmo surpreendido. “O que estás a fazer aqui?”, perguntou. Disse-lhe que tinha fugido. Ele levou-me para casa e não voltei para a escola nesse dia. Pode-se dizer que fiz o plano acontecer.

E depois do jardim-de-infância veio a escola...

Frequentei a Escola Secundária Nº 93 em Gdansk. Era mesmo perto da minha casa – ficava a 300 metros. Era conveniente, pois nunca gostei de me levantar cedo.

Sentias-te diferente dos teus amigos?

Não. Não na altura. Apenas me destaquei porque conseguia desenhar como devia ser. Isso teve as suas consequências: tive de desenhar para a revista da escola.

Terminaste a escola com distinção?

Era melhor aluno que o meu irmão, mas não assim tão bom.

Qual era a tua disciplina favorita?

Educação física. Agradaram-me sempre as actividades físicas. Para mim, era o antídoto para as disciplinas que eu não gostava tanto. Era alérgico às ciências exactas; o meu maior inimigo era a matemática, e ainda é. Levava sempre a calculadora comigo.

Artista, músico, humanista...

Esses talentos surgiram mais tarde, na escola secundária. Antes disso, não tinha a melhor relação com livros. Havia livros que eram obrigatórios ler, e todos sabemos que se fores obrigado a fazer alguma coisa, não vais querer fazê-la. Só passados alguns anos é que descobri que há livros que podes ler porque queres e que podes viver feliz com isso.

Mas vias filmes?

Havia um leitor de cassetes na minha casa e eu usava-o. Como mencionei anteriormente, andava mesmo numa de artes marciais, por isso absorvia filmes de karaté. Todos os sábados ia até ao mercado e comprava dois. Estavam gravados numa só cassette. Comprava uma cassette e depois voltava e trocava-a por outra a troco de uma pequena taxa. Obviamente que estes eram todos filmes “classe-z” com argumentos crus, misturas primitivas, e assim. Mas a acção estava lá, e eu não precisava de mais nada.

Gostaste de estudar Russo?

Correu-me muito bem, mas não me lembro de muito, hoje em dia. Tenho pena.

O teu pai estava no Partido, e agora tens pena de não teres estudado Russo mais escrupulosamente.

Mas no entanto não compreendes porque é que algumas pessoas te chamam de bolchevique...

Não te rebelaste contra o comunismo?

O meu irmão rebelou-se. Eu só queria saber do meu espaço, dos meus amigos e de me divertir. O único contacto que tive com políticos foi quando andei a remexer nas gavetas do Pawel. Havia brochuras e panfletos do Solidarnosc, o sindicato Polaco. Vi-os por alto – não confundir com tê-los *mesmo* lido.

Havia dois quartos na casa: um era dos meus pais, o outro era o meu e do meu irmão. Por vezes, quando o meu pai via debates na TV no seu quarto e havia algumas discussões no Partido, o meu irmão punha a tocar umas canções dos Perfect, que eram a banda de *rock* Polaca mais popular da altura, e explicava-me que a frase “queremos ser nós próprios” significava *na verdade* “queremos bater na ZOMO”.

O teu pai e o teu irmão tinham discussões políticas?

Não. O meu pai não trazia a política para casa. Ele alistou-se no Partido, mas não era um membro activo. Ele carregava apenas a sua identificação no bolso; só isso. Também não batia no meu irmão pelas suas opiniões. Claro, hoje sei que comunismo significa na verdade *aprisionar*, mas na altura não queria saber.

As histórias do teu irmão não te incitavam?

Ele estava mesmo fascinado pelo Solidarnosc, e eu gostava muito mais da música dos Perfect do que das suas letras. O som, para ele, era apenas um mensageiro de conteúdo.

Então qual é a história entre ti e a música? Como é que começou?

De início, ficava apenas fascinado pelo aspecto que tinha um tipo com uma guitarra. Cativou realmente a minha imaginação. Não interessava muito o que é que eu andava a ouvir, porque eu gostava de todo o género de músicas.

Deve ter começado com algo específico?

Deve ter sido a banda Polaca Kombi. Nessa altura, eles apareciam na TV a toda a hora. Na verdade, tem piada, porque sou amigo do guitarrista deles, o Grzesiek Skawinski. Recentemente, após uns copos de vinho, disse-lhe que os álbuns mais antigos dos Kombi eram perfeitos. Ele pensou que eu estava a gozar com ele!

Não consigo evitá-lo: *Milego Zycia* (Boa, bela vida) e *Black and White* ficaram-me mesmo na cabeça. Penso que é assim que funcionam as emoções.

Emoção é uma coisa, mas se alguém te dissesse que anos mais tarde estarias a beber vinho com o Grzesiek – não como fã mas como um músico igualmente popular – terias acreditado? Alguma vez pensaste nisso?

Estás a brincar? Eu costumava fingir que tocava com uma vassoura, mas nunca pensei por um momento que me iria tornar num músico. Isso não passava de uma fantasia de miúdo. Mas sim, a música criou algo em mim de uma forma pouco usual. Os sons eram como um íman.

Quando passávamos férias no campo, os nossos vizinhos da casa ao lado eram uma família muito “musical” – tinham uma banda de casamentos. Adorava ir à casa deles só para me sentar por detrás da bateria e segurar nas baquetas por um bocado ou tocar na guitarra. Os instrumentos eram caros e difíceis de obter. Para mim, eram como relíquias.

Como conseguiste a tua primeira guitarra?

Foi em 1983 ou 1984. Estava sentado de pijama, à espera do meu pai

chegar do trabalho. Quando ele entrou, vinha com uma guitarra nas mãos. Uma velha guitarra acústica. Estava muito usada e tinha uns autocolantes pretos colados que deviam lá estar para esconder os riscos. Parecia que ia desfazer-se, mas não interessava. Quando a vi, fiquei extático.

Não te aborreceste como aconteceu com o computador?

Nem pensar! Sentava-me na minha cama e dedilhava as cordas abstratamente com a mão direita. O mesmo som era sempre devolvido, uma e outra vez. Cantava todas as canções que conhecia da TV ou da escola. Foi como tudo começou.

O teu irmão era tão fascinado pela música como tu eras?

Ele ouvia música, mas eu tinha a impressão que lhe era totalmente indiferente que tipo de música era. Ele gostava de música *rock* Polaca, mas também tinha *posters* de bandas *pop* na parede.

E que *posters* tinhas tu na parede?

O meu primeiro *poster* foi dos ZZ Top. Inseria-se perfeitamente no típico quarto Polaco dos anos 80: duas camas, uma secretária e um quadro com alguns *banners* por baixo. Havia uma parede que fazia seguimento a isso, decorada com latas de cerveja.

Discutias com frequência com o teu irmão?

Não tínhamos muito em comum; a diferença também não ajudou muito. Tinha medo dele em certas alturas. Era mais velho que eu, e algumas vezes aparentava ser perigoso. Certa vez, bateu-me tanto que nos dias seguintes fiquei cheio de nódoas negras e com dores. Hoje, lembro-me disso como uma situação engraçada, tragicómica.

Tínhamos dardos em casa. Os nossos pais não estavam em casa, e o meu irmão estava sentado de roupa interior a ler a programação da TV, por isso pensei que seria engraçado atirar um dardo aos arredores do seu pé.

Era suposto ser uma piada; não queria magoá-lo. Pensei que podia apontar o dardo para o chão, mas claro que acertei no pé do Pawel. Ele começou a gritar como se alguém estivesse a esfolá-lo vivo. Deu pulos só com uma perna por uns momentos, e depois – quando parou – deu-me uma tarefa valente.

Ele punha-te muitas vezes no teu lugar?

A nossa relação era por vezes muito má. Ele olhava para mim com altivez – quase não falávamos. Talvez fosse porque os nossos pais me educaram de uma forma bastante diferente – eram muito mais gentis comigo. O Pawel pode ter-se sentido amargurado. A sua relação com os nossos pais era muito tensa, e ele desapegou-se deles bastante cedo.

Ele mudou-se de casa?

Foi-se embora sem dizer uma palavra. Ele trabalhava a entregar fruta. Certo dia, a nossa mãe preparou-lhe umas sandes para levar, como sempre. Ele pegou no saquinho e foi-se embora de casa. Nunca regressou. Os seus amigos disseram-nos que ele foi para o estrangeiro. Não nos vimos mais até daí a uns anos mais tarde.

Tiveste medo?

Tinha finalmente o quarto só para mim, por isso senti um grau de alívio. Todos sentimos – até os meus pais. Antes disso, a situação era muito tensa; andava algo no ar, e alguém tinha de tomar um passo mais extremo. Com o tempo apercebi-me que ele apenas fez o que tinha de fazer. Graças a isso, amadureceu muito mais depressa. Hoje, ele tem uma relação muito melhor com os meus pais.

Tinhas noção do que se passava com ele?

Um ano mais tarde, enviou-nos um postal de Espanha. Antes disso, esteve em França. Tinha um amigo que se havia mudado para lá. Enviou um postal ao Pawel onde marcava a localização de uma casa onde supostamente morava. O meu irmão encontrou a casa e começou a chamá-lo – sem obter resposta. Aparentemente o tipo já não morava lá, por isso o meu irmão continuou até chegar à Península Ibérica.

Como é que foi a vida para ele?

Durante uns anos viveu em condições espartanas, variadas vezes como ocupa. Trabalhou ilegalmente na construção civil, e por vezes ajudava na renovação da casa. Mas ele aguentou-se. Não era extravagante; guardou dinheiro e a seu tempo criou uma vida real para ele próprio. Alugou uma casa, conheceu uma mulher, casou-se com ela e abriu uma loja. Ele era bem constituído e bonito, por isso o pessoal respeitava-o e chamavam-lhe o “Bárbaro Vindo do Norte”.

De certa forma, suponho que o admirava. Mostrou-me o que era a determinação. É possível que ele tenha tido uma maior influência na minha vida do que estou disposto a admitir. Ele incutiu em mim muito mais que apenas o amor pela música...

Já que mencionaste a música, quanto tempo é que levaste a tocar naquela velha guitarra?

Eu estava a matar os meus pais com a minha prática de tocar guitarra. Andava pela casa, dedilhava as cordas e cantava. Acho que eles pensaram que havia ali potencial. Tentei com que me inscrevessem numa escola de música, e eles concordaram. Mas nessa altura eu já queria tocar umas cenas de *rock* pesado, como as que ouvia na rádio. Na escola faziam-me tocar canções de escuteiros, e então voltei para casa e implorei ao meu irmão que me mostrasse como se tocava a «Lokomotywa» dos Perfect. Chegou ao ponto em que a minha guitarra acústica não era suficiente. Por sorte, a minha primeira comunhão estava a chegar.

Conseguiste arranjar uma guitarra eléctrica?

Ganhei algum dinheiro – 22.000 zlotys, para ser preciso. Comprei eu próprio a guitarra – gastei 13.000 zlotys naquilo. Lembro-me bem. Ainda a tenho. Fazia-me lembrar uma Fender mas era de fabrico caseiro. Comprei-a ao Jacek Doniewski, o meu primeiro mentor de música. Ele aprendeu a tocar sozinho, mas ele tinha uma “eléctrica”. Ele pediu ao meu pai para fazer um braço com trastes, e isso não era fácil para alguém que trabalhava num estaleiro. Mas o Jacek terminou o instrumento ele próprio e ensinou-me a tocar o *riff* da canção dos TSA (Tajne Stowarzyszenie Abstynentów), «Bez Podtekstow».

Houve mais alguém a influenciar a tua educação musical?

O meu avô, Klemens Iwicki. A família da minha mãe era dotada musicalmente. Quase todos no clã tocavam um instrumento: acordeão, violino, guitarra... o meu avô ensinou-me a tocar uma valsa. Foi a única vez que toquei as cordas mais graves com o polegar.

Corda fina, dedo fino...

Exactamente. Penso que já ninguém toca assim, hoje em dia. Mas para poderes tocar, tinhas de afinar primeiro a guitarra. Eu não sabia fazer isso,

por isso fui ter lições de música. A minha primeira verdadeira namorada, a Celina, foi comigo. Não éramos propriamente um casal romântico a sério, mas ela ajudou-me. Aprendia mais depressa que eu porque tinha dedos mais finos e compridos.

Nunca me hei-de esquecer da reacção dela quando lhe pedi para me afinar a guitarra. Não havia amplificadores nem rádios na sala. Ela olhou para a minha guitarra e disse, “Vamos ligá-la”.

O que é que querias tocar?

Dava-me sempre arrepios na espinha de cada vez que ouvia a «Perfect Strangers» dos Deep Purple – uma canção imortal. Era esse o género de música que se ouvia na TV nessa altura. Eu via *videoclips* numa TV Neptun a preto e branco.

Tocavam de tudo durante o dia, nessa altura: Deep Purple, Iron Maiden, e assim sucessivamente. Até em programas como o *Wideoteka*, tocavam sempre pelo menos uma canção mais pesada. Foi assim que descobri bandas como os WASP, Kiss, Marillion e ZZ Top. Segurávamos um gravador de cassetes contra a coluna da TV e gravávamos as canções. Passo a lembrar que toda a família tinha de estar quieta – não tínhamos um cabo para ligar o gravador. Só mais tarde é que conseguimos ter uma coisa chamada “*piatka*”. Nem sonhávamos com equipamento estéreo. Coisas dessas só se encontravam em casas de marinheiros e de pessoas que iam à Pewex (loja Polaca que vendia artigos vindos do Ocidente, inalcançáveis de outra forma).

Mas não interessava. O que importa é que encontrei os meus sons.

O que havia nessa música que te tocava?

A energia, a adrenalina. Tão simples como isso. Há miúdos que preferem jogar futebol, outros preferem patinar no gelo; eu gostava de música pesada. O resto é evolução. Vais e entras numa floresta onde, afinal, existem muitas mais árvores diferentes.

Foi difícil encontrar mais informações sobre esta floresta?

Havia a rádio. Graças a um colega de escola, descobri o programa de rádio *Music Of The Young*. Foi uma revelação para mim. Tocavam álbuns inteiros uma vez por semana. Ficava passado! Todas as segundas-feiras às 15:15 e todos os domingos às 08:10 eu sentava-me à frente do rádio

e gravava tudo o que eles tocavam. Escrevia os nomes das bandas foneticamente; o Krzysztof Brankowski e o tipo que apresentava o programa *Metal Tortures*, o Roman Rogowiecki, traduziam os títulos das canções para Polaco.

Era como uma iluminação. Algo por que aguardavas uma semana inteira. Lembro-me de certa vez que eles puseram o álbum inteiro da Kat, *38 Minutes Of Life*. Fiquei desiludido porque já o tinha em vinil, por isso foi um dia perdido!

Foi na rádio que ouvi *thrash metal* pela primeira vez. De princípio aquilo era insuportável; era demasiado extremo. Tinha que ir devagar nas coisas. Era uma evolução clássica. Começar com o *hard rock*, e acabar com algo mais extremo. A música era a minha vida.

O que diziam os teus pais?

Eram muito compreensivos. Eu voltava da escola, atirava a minha mochila para um canto e vestia o casaco. Pedi ao meu pai para desenhar uma caveira com a frase “*heavy metal*”. Agora tinha o adereço e a guitarra. Ficava horas a tocar.

Fazer os trabalhos de casa era algo que não me interessava. Sentava-me no quarto, compondo as minhas próprias canções e escrevendo até algumas letras primitivas. Um dos títulos de uma canção minha era «Kanalía» (Canalha). Ainda me lembro das letras, mas morreria de vergonha se tivesse de contar o conteúdo.

O rádio que eu usava como amplificador ficava guardado na sala. Era um Amator 2. Os meus pais tinham de se sentar na cozinha para eu tocar. O filhote tinha de tocar, por isso davam-me espaço. Só quando terminava é que eles podiam voltar, sentar no sofá e ver TV.

Querias formar uma banda?

Eu formei uma banda. Pelo menos, convoquei uns quantos amigos. O baterista tocava em cadeiras, e o único instrumento verdadeiro era a minha guitarra. Não tocávamos versões. Nessa altura eu já queria escrever as minhas próprias canções. Eu mandava. Dizia aos meus colegas, “Estás na minha banda. Tocas isto e tocas aquilo”.

Certa vez, o baterista enganou-se. Considerei aquilo uma insubordinação, por isso bati-lhe. Ele ficou todo vermelho e começou a chorar.

Também eras assim na escola?

Fazia parte do grupo que aterrorizava a escola inteira. Tornas-te um macho alfa logo em criança. Mas não abusei; não causei problemas de maior. Os meus pais não voltavam chateados da reunião de pais, por isso não me impuseram nenhuma trela.

Os teus amigos eram tão entusiastas da música como tu eras?

Os meus colegas de escola não eram. Havia uns vizinhos lá do bairro que gostavam de música pesada, mas ninguém estava naquilo tão profundamente como eu estava. Estava naquilo sozinho, exceptuando alguns locais daquela zona.

Eu estava submerso no *punk* quando concluí a escola secundária. Até usei as roupas apropriadas para cada grupo. Tinha cabelo curto e usava um pin dos “The Exploited” no meu casaco. Até comprei umas botas velhas de combate. Eram mesmo fantásticas. Lembro-me também de um famoso *slogan*: “Os punks de Zabianka não bebem leite”.

Mas não permaneceste no *punk*?

Foi um namoro curto mas intenso. Sentia-me desperto por aquela música, e em parte também por aquela ideologia – o amor pela anarquia, talvez. Sentíamos a liberdade. Era o que queríamos. A seguir descobrimos os estimulantes. Alguns de nós deram o primeiro passo: vinhos baratos já não eram suficientes, então eles começaram a cheirar cola. Usei o meu bom senso. Tratei o *punk* como um rival. Alguns de nós foram pelo estabelecido – escola, universidade, família, crianças, divórcio, outra mulher – mas nós queríamos quebrar esse ciclo, e o *metal* ficou em primeiro lugar.

Quando é que começaste a ouvir música verdadeiramente extrema?

Fui bastante influenciado pelos meus amigos lá do bairro, pelo Daniel Gierszanow em particular. Alimentávamos o interesse um do outro. Um Verão, depois das férias, ele voltou totalmente diferente. Antes, tínhamos medo dos Slayer e da sua imagem satânica. Eu acreditava que eles não sabiam tocar, e considerei a música deles apenas como barulho.

Contudo, quando o Daniel voltou, eu pensei, “Sabes que mais? Slayer não é assim tão mau”. Depressa convergi nessa direcção.

Ele ouvia constantemente o álbum *Reign In Blood*; tinha-o gravado numa cassete amarela Stilon, muito gasta. Ele foi o primeiro a apaixonar-se verdadeiramente por música realmente pesada, e instilava-a em mim. Depois dos Slayer, foram os Death. Adorávamos o *Leprosy* e eu adorava o *Scream Bloody Gore*. Ainda hoje ouço esse álbum. É um clássico. Sei todas as letras de cor.

A seguir tudo seguiu como dominós a caírem. Num dos mercados em Gdansk, apareceram uns tipos que alinhavam umas cadeiras reclináveis com cassetes em cima para vender. Comprei toneladas delas; gastei toda a minha mesada. Se bem me lembro, tu e o Krzysiek também estavam lá a vender. Penso que foi assim que nos conhecemos: vendeste-me Hellhammer e Sepultura.

Voltei a casa, pus os Hellhammer, e vinte minutos depois, a música tinha acabado. Olhei para a cassete – era uma BASF de 90 minutos – e pensei para mim próprio, “Ele enganou-me!”. Claro que era um mini-álbum. Não fazia ideia que essas coisas existiam, e fiquei mesmo desiludido. Só mais tarde é que me apercebi que tu querias ser justo, e por isso gravaste os álbuns nas cassetes com a melhor qualidade disponível. De qualquer forma, conheci-os a vocês os dois em circunstâncias semelhantes.

Quase que vem a lágrima ao olho.

Tu lembras-te como era. Trocavas cassetes com os amigos. Para se poupar dinheiro, comprávamos todos álbuns diferentes para podermos ter mais música. Era o que fazia com o Daniel. Também tentámos tocar juntos, mas com o tempo a nossa relação esvaneceu-se. Depois o Baal, ou o Adam Muraszko, apareceu.